

**COVID-19: saliva como amostra para diagnóstico
Crianças são principal foco de estudo em curso**

Oeiras, 11 dezembro de 2020: A utilização de saliva como amostra preferencial no diagnóstico da SARS-CoV-2, em todas as faixas etárias, determina desenvolvimento de estudo no Instituto Gulbenkian de Ciência, em colaboração com o Hospital Dona Estefânia e o Hospital Amadora Sintra. Face aos primeiros dados revelados que se apresentam como muito promissores, o estudo pretende otimizar processos para facilitar o diagnóstico. Será uma solução menos invasiva, sobretudo para crianças, mas também contribuirá para aumentar a capacidade de testagem e reduzir os custos associados à realização da análise.

A única forma de reduzir a transmissão do vírus SARS-CoV-2 e deter a sua circulação é recorrer ao método tradicional no controlo epidemiológico: a rápida identificação de potenciais infetados, a sua rede de contactos, testagem e isolamento das mesmas. O vírus SARS-CoV2 pode infetar pessoas sem que estas apresentem sintomas, mas que mesmo assim transmitem ativamente o vírus. Esta transmissão, muitas vezes silenciosa, apela a testar em massa a população para identificar pessoas infetadas e conter a propagação do vírus. Até agora, a deteção de pessoas infetadas é realizada por amostras naso-faríngea e oro-faríngea, colhidas por zaragatoa, um método que, além de invasivo, requer uma logística complexa que envolve profissionais de saúde especializados na colheita com associado risco de exposição ao vírus.

Investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), em parceria com o Hospital Dona Estefânia e o Hospital Prof. Doutor Fernando da Fonseca, EPE (Amadora Sintra) estudam a viabilidade da utilização de saliva como amostragem eficaz na deteção de pessoas infetadas com Covid-19, em adultos e crianças. Até ao momento, o método foi validado em cerca de 80 pessoas hospitalizadas onde, entre outros, se comparou a eficácia da saliva face à amostra nasofaríngea, tendo sido obtidos resultados muito promissores. Neste estudo, prevê-se testar um total de 300 pessoas, 33% das quais infetadas, de todas as faixas etárias. Segundo Mónica Bettencourt Dias, Diretora do IGC “a ciência tem um papel crucial na identificação de novas soluções para fazer face à pandemia que vivemos. O método de testagem atual é extremamente invasivo, principalmente para as crianças, envolve uma logística grande e dispendiosa e por isso é estratégico encontrar opções com claras vantagens para a população, pacientes e para o sistema nacional de saúde.”

Comunicado de Imprensa

Maria João Amorim, a investigadora principal do IGC que lidera o estudo, explica que “muitos artigos têm referido a saliva como alternativa de amostragem eficaz e, neste momento, decorrem estudos piloto no Reino Unido, Estados Unidos e Japão. Estamos a recorrer a amostras de casos positivos da doença Covid-19 e a confirmar que a saliva pode ser usada eficazmente no rastreio de SARS-CoV-2 em todas as faixas etárias, podendo aumentar a testagem e aproximarmo-nos de uma situação de autoavaliação em casa, que seria um cenário ideal para diminuir a circulação do vírus. ”

O projeto incide no estudo de amostras de adultos e crianças, mas são os mais novos que recebem maior atenção, pois esta nova alternativa de teste seria indolor e muito mais rápida. Para Maria João Brito, Médica Responsável da Unidade de Infeciologia do Hospital Dona Estefânia “a utilização de zaragatoas para o diagnóstico da infeção pelo SARS_Cov_2 é uma técnica desconfortável para a criança e adolescente e exige pessoal experiente com treino, pelo que nem sempre é fácil de realizar”. Este projeto, segundo a responsável, “é fundamental para validar se as colheitas das amostras da saliva podem ser uma alternativa para todos os grupos etários pediátricos, desde o recém-nascido até aos 18 anos. Se se demonstrar eficaz pode ser no futuro uma forma de colheita fácil de realizar e claro está, muito menos desagradável para o doente. Adicionalmente pode permitir alargar a capacidade de testagem nas diferentes faixas etárias e ajudar a caracterizar a prevalência e a doença na idade pediátrica.”

A relevância do estudo é defendida também pelo Diretor do Serviço de Medicina 4 do Hospital Fernando Fonseca, José Delgado Alves que afirma que “a logística necessária para a realização de testes na modalidade atual é muito pesada, não só pela estrutura física a que obriga como pela necessidade de alocar profissionais a esta atividade. Uma solução como esta vem ajudar-nos a aumentar o número de testes sem consumir tantos recursos humanos e financeiros”. Recorde-se que a estrutura (drive through) para recolha de amostras para testes COVID19 em regime ambulatorio no HFF processa cerca de 150 amostras diárias, às quais se juntam as colheitas realizadas no serviço de urgência e nas várias enfermarias.

Os resultados promissores do projeto vão permitir diminuir a logística associada à colheita, quer por reduzir o número de profissionais de saúde e equipamento de proteção pessoal, quer por eliminar a necessidade de recurso a zaragatoas.

Mais informação:

Ana Morais | Coordenadora Comunicação Institucional
@: anamorais@igc.gulbenkian.pt | Telm.: +351 965 249 488